



Universidade
ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

Linha de Pesquisa:

O Ensino de Geografia na Educação Fundamental e Médio

EDMARA BRONZEADO DA SILVA

**ANÁLISE DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ESTADUAL DE
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO AUGUSTO DE ALMEIDA, EM
PIRPIRITUBA- PB, POR MEIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

GUARABIRA-PB
2012

EDMARA BRONZEADO DA SILVA

**ANÁLISE DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ESTADUAL DE
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO AUGUSTO DE ALMEIDA, EM
PIRPIRITUBA- PB, POR MEIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Relatório de Estágio Supervisionado, apresentada como TCC à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Geografia, sob orientação da Professora Ms. Juliana Nóbrega de Almeida.

GUARABIRA-PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S587a

Silva, Edmara Bronzeado da

Análise do ensino de geografia na Escola de Ensino Fundamental e Médio Augusto de Almeida, em Pirpirituba-PB, por meio do estágio supervisionado / Edmara Bronzeado da Silva. – Guarabira: UEPB, 2012.

39.:il.;Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Ms. Juliana Nóbrega de Almeida.

1. Geografia – Ensino
3. Estágio supervisionado

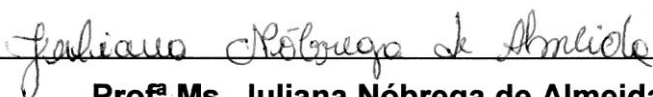
2. Livro Didático
I.Título.

CDD.22.ed. 372.891

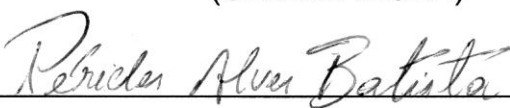
EDMARA BRONZEADO DA SILVA

**ANÁLISE DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL E MÉDIO AUGUSTO DE ALMEIDA, EM PIRPIRITUBA- PB, POR MEIO
DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

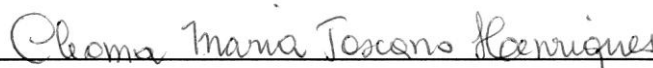
BANCA EXAMINADORA:



Profª Ms. Juliana Nóbrega de Almeida
Universidade Estadual da Paraíba
(ORIENTADORA)



Profº Ms. Péricles Alves Batista
UFPB/PPGG
(EXAMINADOR)



Profª. Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques
Especialista em Análise Ambiental da Paraíba
Departamento de Geografia - UEPB
(EXAMINADORA)

Aprovada em 05 / 12 / 2012

Guarabira,
Dezembro de 2012

A meus pais, *Edlúcia e Josimar*, que são os alicerces da minha determinação; ao *Carmelo Sagrado coração de Jesus* pelas orações, sem as quais minhas atividades não teriam sido feitas com tanto amor; a *Escola Estadual Augusto de Almeida*, que contribui muito com meu crescimento intelectual sendo universo de minha pesquisa.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pai de infinita bondade, que me concedeu o mais precioso bem: a vida. Além de todos os dons com que fui presenteada, ele colocou em meu caminho pessoas maravilhosas, verdadeiros anjos que contribuíram para que esse momento acontecesse e que permanecem contribuindo para meu desenvolvimento humano, intelectual e espiritual.

A meus pais, Edlúcia Bronzeado de Lima Silva e Josimar Sebastião da Silva, que não mediram esforços para me educarem e darem condições de estudo, sobretudo por trilharem comigo na realização de um sonho que também é deles, o de me verem concluir um curso superior.

A Meu irmão, Edimar, e todos os meus familiares, que desde meus primeiros passos acreditaram em mim e depositaram confiança, amor fraterno e admiração em minha jornada.

Aos meus amigos, em especial Erika, Jaqueline e Paulo Hipólito, que em diferentes etapas de minha vida seguraram em minha mão e aconselharam a seguir em frente sem temor, por que sempre acreditaram em minha capacidade.

Aos Meus colegas da turma 2009.1tarde, Nadja, Juliene, Marcília, wlysses, Eudis, Luzinete, Luciene, Antervanio, Rosilene, Geraldo; minha prima Thamires e minha irmã Rubenia. Sou grata por todas as vezes que me ajudaram e por todas as contribuições geográficas. Posso dizer que somos mais que colegas de sala, é uma família geográfica.

Aos Meus professores, que desde a educação infantil me auxiliam na minha busca para ser uma cidadã melhor, que contribua mais para com minha sociedade. Em especial a Juliana Nobrega, pela orientação e incentivo para a conclusão desse trabalho.

Aos membros da banca examinadora, que aceitaram o convite para participar da avaliação desse trabalho de conclusão de curso.

A todos os funcionários da UEPB, por darem sua contribuição para nossa formação de futuros professores.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho.

Meu muito obrigada.

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

Paulo Freire

043 - GEOGRAFIA

ANÁLISE DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO AUGUSTO DE ALMEIDA, EM PIRPIRITUBA- PB, POR MEIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

LINHA DE PESQUISA: O Ensino de Geografia na Educação Fundamental e Médio

AUTORA: Edmara Bronzeado da Silva

ORIENTADORA: Prof^a. Ms. Juliana Nobrega de Almeida/UEPB/CH

Prof^o. Ms. Péricles Alves Batista/UFPB/CH

Prof^a. Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques/UEPB/CH

RESUMO

Antes de tudo, convém salientar que prática pedagógica é uma prática social. A prática pedagógica é considerada uma dimensão da prática social, pois a mesma é influenciada pelos aspectos conjunturais e estruturais da sociedade. Daí a importância de se refletir a prática docente em nosso contexto sociocultural tão diverso, onde fatores como as novas tecnologias provocam grandes mudanças na relação entre professores/alunos. Pode-se dizer que o presente trabalho, representa uma reflexão sobre a prática pedagógica e sua importância para construção da carreira e da própria identidade do professor. Sendo resultado das atividades desempenhadas no Estágio Supervisionado pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III Guarabira-PB, no qual despertou-me o interesse em conhecer as características do ensino de Geografia na EEEFM Augusto de Almeida localizada em Píripituba - PB. Entendendo o Estágio Supervisionado como parte da formação inicial do licenciando em Geografia, que possibilita a aplicação prática do arcabouço teórico adquirido no curso. Nosso objetivo foi apresentar e refletir os resultados da análise sobre a prática docente, o uso do livro didático e a relação professor-aluno no ensino de Geografia. Nesse sentido, para a realização da pesquisa, fizemos levantamentos e observações pautadas nos aspectos quantitativos, levantamento do número de professores, de alunos, funcionários e dependências da escola; aplicamos questionário aos docentes e discentes, com uma obtenção de cunho qualitativo, juntamente com as observações da prática docente, análise do material didático e análise dos questionários aplicados. Além das observações, também houve a regência, onde foi trabalhada a temática “Região Nordeste Brasileira”, e junto com os alunos foi refletida a forma como o livro didático representava o Nordeste e os nordestinos, o que nos proporcionou traçar um paralelo entre o conhecimento dos alunos sobre a temática com as informações trazidas no material didático. Disso tudo, veio-me a conclusão da fundamental importância do Estágio Supervisionado para minha formação, pois me proporcionou o contato direto com a realidade da sala de aula; levou-me a sentir a responsabilidade em ter de planejar aulas cada vez mais atrativas e de acordo com a realidade dos alunos; enfim, a repensar as dificuldades e os desafios envolvidos no ensino/aprendizagem da disciplina de Geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Livro Didático. Estágio Supervisionado. Sala de Aula.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01. Livro Didático adotado pelo professor de Geografia	30
FIGURA 02. Pintura de Portinari (Retirantes)	31

LISTA DE FOTOS

FOTO 01. Exposição de comidas típicas	21
FOTO 02. Sala do 2º Ano “A”	25
FOTO 03. Aluna, do 2º “B”	26
FOTO 04. Momento da regência no 2º “B”	28

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01. Situação dos alunos matriculados.....	19
GRÁFICO 02. Professor por disciplina lecionada.....	19

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 A disciplina de Estágio Supervisionado.....	10
2.2 A Geografia na sala de aula	11
2.2.1 <i>Geografia Escolar: breve histórico</i>	11
2.2.2 <i>A Geografia Ensinada: algumas considerações</i>	13
2.3 Livro didático: uso e relevância em Geografia.....	16
3 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	18
4 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO	21
5 OBSERVAÇÃO DOCENTE	24
6 A REGÊNCIA	28
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	37

APÊNDICE

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, estamos vivenciando uma série de transformações tecnológicas e informacionais que, de uma forma ou de outra, vem afetar a dinâmica da sociedade. Diante desse mundo globalizado, o setor educacional tenta acompanhar essas modificações, e o ensino da Geografia deve se manter atualizado para ajudar aos alunos a compreenderem a realidade do mundo atual.

O ensino de Geografia escolar brasileiro, desde 1970, com o movimento de renovação denominado “Geografia Crítica”, busca gradativamente renovar sua proposta de pesquisa e ensino (CAVALCANTI, 2002). Contudo, é notável que a realidade didática- pedagógico da Geografia na sala de aula pouco foi modificado ao considerar as inúmeras críticas que ainda se estabelecem frente aos métodos “ancestrais” ainda utilizados por alguns profissionais da área.

Este relatório é fruto das exigências do componente curricular Estágio Supervisionado. Componente esse que é de extrema importância, pois possibilita ao discente os primeiros contatos com a escola. Nesse sentido, nosso objetivo com este trabalho é apresentar os resultados da análise sobre a prática de ensino da Geografia. O mesmo possui uma grande contribuição para os interessados no tema.

Portanto, para a realização da pesquisa, fizemos levantamentos e observações pautadas nos aspectos quantitativos, levantamento do número de professores, de alunos, funcionários e dependências da escola; aplicamos de questionário aos docentes e discentes, com uma obtenção de cunho qualitativo, juntamente com as observações da prática docente, análise do material didático e análise dos questionários aplicados.

Além das observações, também houve a regência, onde foi trabalhada a temática “Região Nordeste Brasileira”, e junto com os alunos foi refletida a forma como o livro didático representava o Nordeste e os nordestinos, o que nos proporcionou traçar um paralelo entre o conhecimento dos alunos sobre a temática com as informações trazidas no material didático.

A região Nordeste foi abordada tendo a concepção de regionalização traçada por Correa (1997), pois se trata da regionalização pensada a partir da divisão social

do trabalho, do processo de acumulação capitalista, da reprodução da força de trabalho e dos processos políticos ideológicos.

No discorrer do trabalho, apresentaremos os aspectos físicos e materiais da escola, assim como algumas considerações sobre o caminhar do ensino de Geografia, a prática do docente em sala e a importância do Estágio Supervisionado para a formação do discente de licenciatura em Geografia.

A observação e intervenção realizaram-se na cidade de Pirpirituba/PB, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto de Almeida. As atividades aconteceram nas turmas do 2º ano do Ensino Médio, tendo início no dia 30 do mês de maio até 26 de setembro de 2012, no turno matutino.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

Convém de início fazer uma contextualização da temática aqui proposta, a título de referencial teórico, para que possamos entender com mais clareza as pretensões deste relatório, pois estando pautado em estudos já realizados podemos aprofundar os nossos conhecimentos. Assim, nessa revisão de literatura constará: uma abordagem sobre a disciplina de Estágio Supervisionado, para compreendermos a importância da mesma; uma averiguação de como a Geografia Escolar está sendo construída em sala de aula; e como o livro didático, um dos meios que materializam a relação ensino/aprendizagem aborda os aspectos geográficos da região Nordeste do Brasil.

2.1 A disciplina de Estágio Supervisionado

A oportunidade posta aos alunos do curso de licenciatura plena em Geografia é uma forma de aproximação e análise (a partir da observação e intervenção) do campo de trabalho, onde a dinâmica real da sala de aula, que vamos encontrar ao exercermos a atividade de docentes, nos molda para a prática.

Segundo Saiki e Godoi (2010) a Prática de ensino e o Estágio Supervisionado tem um caráter complementar na grade curricular de Geografia, e é notável ao

passar dos anos que a dicotomia do nosso curso entre teoria e prática só é notada no real quando o (a) licenciado passa pela experiência do estagiar.

O período de estágio se fundamenta na observação, na preparação e, por fim, na prática em um laboratório: a sala de aula (PICONEZ, 1991, p.16). Na Escola E.E.F.M. Augusto de Almeida, nossa intervenção foi um dos momentos mais importante de nosso estágio, confirmando o que Piconez destacou. Porque é só nesse processo que colocaremos a teoria em prática e teremos a realidade em *loco*, como acontece o processo de ensino-aprendizagem a partir de nossa observação e mediação.

O maior desafio que assumimos na postura de acadêmicos do curso de licenciatura em Geografia é o momento da articulação do conhecimento adquirido na graduação. A dificuldade apresenta-se pelo grau de nossa inexperiência com o processo de transposição didática do conhecimento. E só com a prática é possível conhecer como de fato funciona o universo escolar.

2.2 A Geografia na sala de aula

2.2.1 Geografia Escolar: breve histórico

Como nos informa Rocha (1996), as formas de ensino desenvolvidas no Brasil colônia, pelos jesuítas, o ensino de Geografia não foi ensinado, ficando este da pedagogia jesuítica. As poucas referências que eram feitas aos aspectos geográficos brasileiro eram estudadas de forma indireta e descontextualizada. Muitas vezes era privilegiada a Geografia de outros países europeus, dissolvida em obras literárias. Assim como nos informa Rodrigo Borges Pessoa,

[...] durante os mais de duzentos anos de monopólio da educação jesuítica no Brasil a Geografia não teve vez e nem voz nas escolas enquanto disciplina escolar. O ensino dos conhecimentos geográficos eram secundarizados no currículo subsistente. Não existiam, também, cursos de formação de professores (as) para atuar com o ensinamento destes saberes. Os conhecimentos geográficos, embora de grande interesse do Estado, eram até então pouco propagados nas salas de aulas. (PESSOA, 2007, p.31)

Foi somente com a criação do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, que a disciplina de Geografia passa a compor o currículo escolar brasileiro. Desde 1889,

quando a República foi criada, a disciplina começou a fazer parte das Reformas Educacionais Brasileiras, detendo a condição de disciplina obrigatória nas instituições de ensino do país (VLACH, 1988).

Quanto ao ensino de Geografia, este era inteiramente tradicional, e isto pelo menos até a década de 1930, quando se organizaram os cursos acadêmicos; criaram-se órgãos de pesquisas ligadas ao governo, como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas); a expansão do ensino; e o surgimento de diversas reformas educacionais (PRÉVE, 1988). Este ensino de Geografia Tradicional tinha um caráter enciclopédico, decorativo e com utilização de métodos de memorização de informações (PRÉVE, 1988).

No início do século XX, o professor Carlos Miguel Delgado, formado na França, trouxe de lá um tipo novo de Geografia: uma Geografia Moderna e Científica. Esta Geografia Moderna e Científica era “caracterizada por seu conteúdo explicativo, diferente do caráter descritivo da Geografia Tradicional” (PRÉVE, 1988, p.43). O modelo tradicional de ensino da Geografia e o modelo moderno se conflitaram enquanto orientação aplicada em sala de aula, pelo menos até a década de 1980, assim como expõe Rocha:

[...] duas orientações nortearam a trajetória desta disciplina: a Geografia Clássica e a Geografia Moderna. Não houve entre elas um simples processo de substituição por evolução, mas um complexo processo de conflitos que resultou numa complementaridade tornada modelo hegemônico em nossas salas de aula até por volta das décadas de 70 e 80 deste século, quando se iniciou um novo processo de conflitos no interior desta disciplina. (ROCHA, 1999, p.233)

Convém destacar, entre as décadas de 1930 e 1940, a fundação dos cursos de Geografia, que aperfeiçoou o campo teórico e metodológico do ensino da disciplina; a criação da AGB (Associação dos Geógrafos do Brasil), que contribuiu para a divulgação do saber geográfico e melhorias para os geógrafos (ANDRADE, 1992). Todos esses eventos contribuíram para o melhoramento do ensino da disciplina na sala de aula.

Em 1968, a disciplina de Geografia e História foram integradas no que veio a se denominar de Estudos Sociais. Já em 1971, com a resolução 8, de 1 de dezembro, da lei 5692, foi instituído o Núcleo Comum para os currículos tanto do 1º quanto do 2º grau – hoje, Ensino Médio. Os Estudos Sociais tinha como alçada o

ensino de Geografia, História, Organização Social e Política do Brasil, ou seja, servia às ideologias políticas dos militares, que queriam limitar o saber da população.

Com a substituição por Estudos Sociais os conteúdos de História e Geografia foram esvaziados ou diluídos, ganhando contornos ideológicos de um ufanismo nacionalista destinado a justificar o projeto nacional organizado pelo governo militar implantado no país a partir de 1964. (PCN's, 2001, p.26)

Integrando os saberes de História e Geografia à uma só disciplina – Estudos Sociais – e instituindo as licenciaturas de curta duração, isso faz com que os professores adquirissem apenas uma síntese desses saberes. Com essa limitação de conhecimento, os professores não eram formados adequadamente, tornando-os escravos do material didático, que também era propagador de ideologias políticas. Sendo assim, o ensino de Geografia não mais formava alunos críticos, pensantes e envolvidos com a transformação de seu meio social.

Quanto ao ensino de Geografia em sala de aula, o modelo de orientação que predominava era ou a Tradicional ou a Moderna. Somente com o fim da ditadura militar que o ensino de Geografia vai se tornando mais crítico. Era o modelo de ensino da Geografia Crítica que começava a surgir. No entanto, é este modelo de ensino de Geografia que, ao ser aperfeiçoada pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, vem sendo ensinada nas escolas do país mais comumente.

2.2.2 A Geografia ensinada: algumas considerações

Apesar dos muitos debates acerca de mudanças na educação brasileira, percebe-se que ela ainda se faz, em grande medida, aos moldes de uma concepção “bancária”, onde o professor – dono do conhecimento e sujeito pensante – “deposita” o conhecimento nas cabeças dos alunos – sujeitos passivos, não pensantes (FREIRE, 1987). Dessa forma, os professores não devem visualizar seus alunos como objetos sobre os quais é depositada uma enxurrada de conhecimentos, pois esses são sujeitos do processo de realização processual do próprio professor, a antiga ideia de que apenas o professor detém o saber (como pregada na perspectiva tradicional) cai totalmente por terra.

Atualmente, torna-se até inadmissível que essa situação ainda sobreviva nos espaços escolares, e mesmo sabendo que a Geografia vem tentando inovar e transformar essa realidade, ela também se encaixa nesse sistema de raízes capitalista de ensino, ao que Lacoste (1988) afirma:

A Geografia escolar que foi posta a todos no fim do século XIX e cujo modelo continua a ser reproduzido ainda hoje, quais quer que possam ter sido os progressos na produção de idéias científicas, trata-se totalmente alheada de toda prática. (LACOSTE, 1988, p. 38)

As relações da Geografia com o ensino são íntimas, porém perscrutadas tanto pelos geógrafos quanto pelos estudiosos da questão escolar (VESENTINI, 2010). Diante da ressalta do autor acima, é válido afirmar que o mais importante motivo das críticas referente ao ensino de geografia é responsabilidade da situação educacional do país.

Quanto a formação do professor, o ideal seria uma permanente interpenetração entre teoria e prática (LIBÂNEO1994). Assim, com as experiências adquiridas durante os estágios proporcionados pelo curso de licenciatura em geografia, os docentes deveriam sair para o mercado de trabalho sabendo que o método tradicional, sem criatividade, fundamentado na arte da “decoreba”, não proporciona ao aluno a capacidade de localizar e reconhecer a dinâmica existente no espaço geográfico, e que é necessário esse fato modificar-se.

Parafraseando Callai (2003), afirma que a formação do professor de Geografia deve, além de outros aspectos, dar devida importância aos avanços do conhecimento geográfico e à popularização do mesmo, ou seja, da busca incessante de explicar o mundo. Portanto, um docente de Geografia não pode ficar desinformado e nem “parado no tempo”, ou divulgando informações ultrapassadas que atrofiam o desenvolvimento intelectual do discente. Um professor dessa disciplina deve atuar com certa desenvoltura, e responsabilidade de alguém que está formando cidadãos. Um professor é também um educador e formador de opiniões.

A necessidade de promover um saber geográfico de maneira contextualizada é gritante diante das dificuldades de leitura de mundo observada nos alunos ao longo das últimas décadas. Assim, é preciso colocar diante dos discentes as

diversas facetas de uma determinada questão, apresentando-lhes problemas a serem analisados (KIMURA, 2008).

Desse modo o trabalho do professor de Geografia torna-se muito mais complexo. Kimura (2008) menciona como deve ser a prática de um professor coerente:

Como é sempre o professor o mediador do conhecimento a ser desenvolvido nas escolas, cabe-lhe trabalhar com desafios como: o que e de que maneira ensinar? Quer dizer estando no cerne do ato educacional o fazer-pensar do professor e do aluno, o ensinar-aprender adquire uma importância fundamental (KIMURA, 2008, p. 81).

A Geografia na sala de aula demanda uma interação maior entre professor e aluno, relação essa que por muito tempo foi distante e burocrática, onde o professor era visto como um ser superior, “donos da verdade”. Realidade essa que para uma eficaz aprendizagem é totalmente contraditória como mostra Sousa Neto (2008):

A atividade da aula realiza o professor, como se não fosse apenas o professor que fizesse a aula, mas fosse feito por ela. Pensada nesse sentido a aula é processo e não produto, não é coisa com finalidade plenamente determinada, ainda que tenha um fim, não é uma coisa que possa se assemelhar á mercadoria que troca por algo (SOUSA NETO, 2008, p.15).

A prática de ensino nas salas de aula vem a cada dia buscando efetuar o jogo dialético entre a Geografia e realidade da escola, levando-nos a perceber muitos caminhos que o professor pode trilhar para que os alunos compreendam o seu espaço geográfico.

Na oportunidade recebida de estágio, observamos que a geografia em sala de aula, ainda tem muito a evoluir. Na Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio Augusto de Almeida, a professora de Geografia destacou “que a monotonia da fixação do livro como único material didático, faz com que os alunos fiquem um pouco desestimulados na matéria”, diferente do que ocorre quando a professora utiliza de outros meios, ver-se o quanto eles participam e interagem na aula.

Existem hoje inúmeras estratégias de ensino que ajudam na compreensão e na forma de expor os conteúdos para os educandos. Essas tornam as aulas dinâmicas e mais atrativas. Contudo, para utilizar de métodos inovadores no espaço

escolar, é necessário dedicação e competência do docente que, por sua vez, deve tratar a educação como um tesouro a descobrir.

2.3 Livro didático: uso e relevância em geografia

Convém ter cuidado na escolha e trabalho com o material didático, pois este, além de poder ser difusor de preconceitos e estereótipos através das ideologias neles presentes (FARIAS, 1994). Então, quando o professor usa esse material sem criticidade, apenas reproduzindo as visões trazidas neles, o professor estará contribuindo para a difusão dos preconceitos e estereótipos que por ventura a narrativa possua.

O livro didático é uma ferramenta de apoio pedagógico imprescindível para a realização da prática escolar. Ele é uma peça importante no processo de ensino aprendizagem; um material que legitima o aparelho educacional (MÉNDEZ, 2003). Por isso não é necessário a decisão radical de aboli-lo, mas entendê-lo como produto de um contexto ideológico, por isso, ao usá-lo, seria bom que ele fosse contestado, contextualiza-lo e confrontá-lo com outras fontes alternativas, ou seja como um meio e como finalidade do processo de ensino/aprendizagem.

Hoje, vivemos cercados de um imenso volume informacional que consecutivamente influenciam nossa percepção de espaço e tempo, e altera nossa visão de desenvolvimento do mundo. Castellar e Vilhena (2011) apontam para esse atual momento, que mesmo rogando por inovações tecnológicas, ou seja, adentrando no universo da multimídia, dos computadores e ensino a distância, continua a ter como principal suporte no cotidiano escolar o livro didático.

O livro didático é um instrumento que desempenha função subliminar e que no meio escolar é um instrumento de ação constante, muitas vezes transformado em mero compêndio de informações, sendo utilizado de forma errônea, como um fim e não como realmente deve ser considerado: um meio no processo de aprendizagem. Ivanine Maria Tonini (2011), em sua pesquisa, confirma esse pensamento:

Em todas as partes do mundo, milhões de estudantes, todos os dias, nas mais diversas sociedades, entram em sala de aula com livros

didáticos, desde a institucionalização da escola pelo menos há alguns séculos. Mesmo diante de tempos e espaços escolares tão diferenciados e distantes a força deste artefatos sobrevive a políticas dispares e espaços virtuais. (TONINI, 2011, p.145).

Ao compreender o livro didático de geografia como ponto de suporte curricular, sendo ele editado de forma normativa direcionado a prática pedagógica, é essencial levar em consideração não apenas os campos teóricos geográficos, mas também as novas linguagens para aprender, estabelecidas pelos modos de comunicação da contemporaneidade, que também foca-nos como sujeitos (TONINI, 2011). Assim, nota-se que o livro didático tem relevante importância por ser um recurso universal da aprendizagem, que tradicionalmente tem sua valorização. Como mostra Ivanine Maria Tonini (2011):

Sua valorização sempre foi posta em relevo desde a escola tradicional até a contemporânea, seja como texto usado em sala de aula ou consulta pelos professores, e de uma forma ou outra sempre esteve presente nas práticas escolares. Essa consolidação vem desde quando era apenas um material manuscrito até o livro impresso da atualidade, mesmo atravessado por todas as mudanças metodológicas das práticas pedagógicas vivenciadas na escola. (TONINI, 2011, p.145-146).

Segundo Tonini (2011), o livro didático de geografia editorado a partir da centralidade do texto escrito, configurava-se de forma única que quem lia iniciava e chegava ao fim, com conhecimentos não relativizados sem questionamento sociais, econômicos e dos locais da narrativa. Com os avanços tecnológicos, as disparidades informacionais ao longo de sua jornada nesse campo disciplinar vêm passando por profundas inovações. Uma das mais importantes é a inclusão de textos visuais (fotografias, gráficos, mapas, desenhos), modo que faz a pluralidade de formas de aprender serem inseridas.

Como desponha Martinez:

O livro didático, ao incorporar essa nova estrutura informacional e comunicativa mesmo que tente erodir as formas de leituras consagradas pelos livros tradicionais, continuam com sua potência discursiva de, manter as relações entre saber e poder dos interesses políticos e econômicos da sociedade. (MARTINEZ,2002).

O que não se deve é o professor tornar o livro didático como o único recurso didático utilizado nas aulas de geografia, pois isso torna as aulas exaustivas e sem muito atrativo, tanto para o professor quanto para os alunos. Há diversos instrumentos pedagógicos que podem auxiliar o professor em inovar suas aulas, revesti-las de significado para os alunos. A inclusão de outras linguagens, por exemplo: os textos jornalísticos, as histórias em quadrinhos, apresentação de slides, documentários, a cartografia, etc. Tudo pode ser trazido para as aulas de geografia como um complemento ao saber trazido nos livros didáticos (PONTUSCHKA, 2001).

3 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto de Almeida, localiza-se na Rua Sólon de Lucena, nº. 387, na periferia da cidade de Pirpirituba-PB, foi criada oficialmente através do decreto Estadual nº. 6.766 de 22 de Dezembro de 1975. Atualmente, a escola funciona nos três turnos, com Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Possui aproximadamente 812 alunos, divididos em três turnos: manhã, tarde e noite. A mesma oferece o ensino de 6º Ano do Ensino Fundamental ao 3º Ano do Ensino Médio. Somando todas as salas contabilizam 9 salas de aula em funcionamento, com média de 25 a 30 alunos por turma pela manhã.

Dos alunos regularmente matriculados no ano letivo de 2012, uma pequena parcela corresponde aos alunos que não avançaram de série no ano de 2011, e estão matriculados na condição de repetentes, conforme o gráfico a seguir:

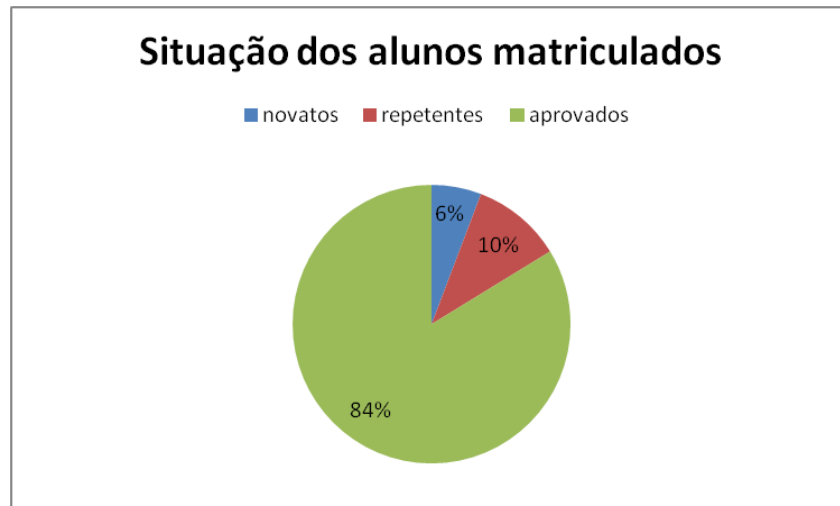


GRÁFICO 01: Situação dos alunos matriculados.
Fonte: Pesquisa *in loco*.

Como recursos humanos têm: Cláudia Eufrázio Alves, como gestora; Gilvania dos Santos Silva, como vice. E quanto ao corpo docente temos: 4 professores de artes, 2 de biologia, 2 de ciências, 2 de educação física, 1 de filosofia, 2 de física, 1 de formação para vida, 5 de geografia, 6 de história, 3 de inglês, 7 de matemática, 4 de português, 2 de química e 1 de sociologia (GRÁFICO 03). Todos graduados, alguns especialistas.



GRÁFICO 02. Professores por disciplina lecionada.
Fonte: Pesquisa *in loco*.

Referente aos aspectos físicos, a escola possui uma normativa estrutura: possui 1 cantina, 2 banheiros separados em 5 compartimentos, banheiro dos

funcionários, pátio, ginásio, 1 rádio sem condições de uso, 1 bebedouros com 5 compartimento, 1 arquivo, 1 almoxarifado, 9 salas de aula, direção, sala dos professores, secretaria, biblioteca, laboratório de informática, sala de vídeo e laboratório de ciências, para estudo e experiências químicas e físicas.

A escola está em um funcionamento regular. As salas funcionam bem, os banheiros possuem alguns dos compartimentos sem funcionar, a sala de informática e o laboratório de ciências só são usados com acompanhamento dos professores, e a biblioteca – na única vez que a presenciamos aberta – não tinha um numero considerável de alunos usando. A escola também promove as datas comemorativas durante o ano letivo (Dia das Mães, São João, Dia dos Pais, Desfile Cívico, Dia do Professor, Dia do Estudante, etc.).

A escola possui ainda: 1 secretaria, 1 supervisores, 6 agentes administrativos, 4 auxiliares de serviços gerais, 3 merendeiras, 2 porteiros, 2 vigias e 1 bibliotecários. A escola não possui psicólogo nem assistente social. Quanto a recursos didáticos e equipamento para esporte e lazer, a escola possui uma boa estrutura de matérias pedagógicas e multimídia, tais como: sala de vídeo-som, laboratório de informática e de ciências, biblioteca, ginásio, etc. A mesma possui data show bem equipado, TV, aparelho de som e de DVD.

Na organização social do trabalho, acontece uma relação gestão - docente – discente, porem, quanto à relação docente-gestão não é tão explicita como a dos discentes com as outras relações. O planejamento pedagógico da escola acontece bimestralmente e a organização curricular é aparentemente em nível regular.

Embora a comunidade não participe ativamente da elaboração do Projeto Político Pedagógico e nem dos planejamentos da escola, mas ambos são executados tendo a comunidade como foco.

A comunidade participa das atividades festivas da escola, como por exemplo o Dia das Mães, Festas Juninas, Dia dos Pais, Desfiles Cívicos, Dia das Crianças, e das atividades extraescolares, Exposições, Feiras de Ciências, Gincanas Culturais, entre outras.



FOTOGRAFIA 01. Exposição de comidas típicas da cultura afro-brasileira e indígena.
Fonte: Foto da autora, 2011.

Um dos eventos realizados pela escola, e que contou com a participação da comunidade, foi a comemoração pelo Dia da Consciência Negra. O evento se mostrou muito importante, pois, além de envolver alunos, professores e comunidade, mostrou que a escola está fazendo valer o que estabelece a Lei nº 11.645/2008 ¹, que estabelece que seja trabalhada a questão da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar da educação básica das escolas brasileiras.

4 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

No dia 29 de agosto, foram entrevistados os alunos do 2º Ano “B”, juntamente com o professor de Geografia. Nossa intenção foi verificar – mesmo que de forma pontual, por se trata de uma única sala de aula e de um único professor – como o ensino de Geografia é ensinado na Escola Estadual Augusto de Almeida.

As entrevistas se deram em forma de questionários, que foi aplicado ao professor de geografia e aos alunos. O questionário discente, voltado para verificar a concepção, relação e contestação dos alunos frente ao uso dos livros didáticos. O mesmo possuía 4 questões de caráter argumentativas, foram elas: 1) Qual sua visão sobre o livro didático?; 2) Em sua concepção qual a função do livro didático?; 3) Ao

¹ BRASIL, Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

utilizar o livro didático, quais benefícios e dificuldades você encontra?; 4) Referente ao conteúdo, quais sugestões você tem para o livro didático?.

Já o questionário docente, este continha apenas três questões argumentativas, e tinha por foco verificar como o professor de Geografia ensinava sua disciplina aos alunos e as dificuldades por ele encontradas. As questões foram as seguintes: 1) Qual ou quais seus métodos de ensino nas aulas de Geografia?; 2) Qual ou quais os tipo(s) de material didático costuma usar em suas aulas?; 3) Qual(is) dificuldade(s) você apontaria que, de certa forma, prejudica(m) o ensino/aprendizagem de Geografia em sala de aula?.

Partindo da análise do questionário do professor de Geografia da Escola Estadual Augusto de Almeida, esclarecemos que, para garantir a preservação da identidade do professor, esta será designado não pelo nome, mas por Professor de Geografia.

Em primeira análise, o Professor de Geografia se mostrou bastante tradicional, pelo menos foi o que o mesmo relatou na questão que tratava do tipo de aula que lecionava, ele destacou que sua aula era: “Aula expositiva com metodologia tradicional voltada para os conteúdos do livro didático”. Quanto aos materiais usados, o Professor de Geografia colocou que fazia uso de “Quadro negro, giz, livro didático”, ou seja, não utilizava nenhum outro material didático que proporcionasse uma aula de Geografia diferenciada.

Parte da explicação para o caráter extremamente tradicional do Professor de Geografia pode ser dada pelo tempo em que leciona, sem refletir uma universidade para que possa adquirir novos instrumentos de ensino. O mesmo alegou ter 49 anos, sendo 29 de profissão na educação da Escola Estadual Augusto de Almeida. A falta de uma formação continuada, de aperfeiçoamento, ou de sua não participação em eventos, impõe ao profissional da educação uma condição limitada de seus conhecimentos, além de sua desatualização às novas tecnologias e as novas formas de ensino que vão surgindo constantemente (SILVA, 2011).

Quanto às dificuldades encontradas no ensino/aprendizagem de Geografia em sala de aula, o Professor de Geografia nos informou o seguinte: “Falta motivação e participação da turma, uso de vários recursos para o ensino aprendizagem como utilização de metodologias modernas (recursos tecnológicos), aula de campo e o

lúdico” (Questão 3, do questionário docente). Claro, o ensino de Geografia aos moldes tradicionais já não atrai o interesse de alunos que vem a escola com uma carga de informação provinda, em grande medida, pelos meios midiáticos.

Como ficou claro nas palavras do Professor de Geografia, o ensino da disciplina se detém unicamente por meio do livro, assim como também ficou claro nas respostas dos alunos entrevistados. Dessa forma, como fizemos com o Professor de Geografia, os alunos também serão mantidos em sigilo quanto as suas identificações. Nesse sentido, os alunos serão referenciados apenas pelas letras do alfabeto. Como as respostas dos alunos defendem quase que a mesma concepção de livro didático e sua utilização, serão analisadas aqui apenas algumas das respostas que nos possibilitam reflexão.

Um dos principais aspectos que foi levantado pelos alunos foi a forma como o livro didático trazem seu conteúdos, usando-se de uma linguagem complicada. A esse respeito, o aluno (A), na questão 4, sugeriu “Que os textos venham ser mais curto, porque a gente possa memorizar mais”. Já o aluno (C), também na questão 4, sugeriu “Que o livro didático deveria ser menos complicado”. Isso nos chama a atenção para um grande problema que é a linguagem do livro didático, que deveria trazer textos mais claros, que facilite o entendimento do aluno, além do mais elucidando os conceitos chaves.

Ainda nessa linha de raciocínio, o aluno (D), na questão 3, informou que “As dificuldades [encontradas nos livros didáticos] é que a maioria das vez não entendemos algumas coisas, mas com um pouco de atenção percebemos que é simples entender” (grifo da autora). Isto também está relacionado à linguagem complicada dos livros didáticos que, atrelado a uma forma tradicional de aula, torna o problema de incompreensão dos alunos ainda mais visível.

Dos alunos que responderam a questão 2, a maioria foi positivo quanto a função do livro didático, a exemplo do aluno (B), que expôs que o livro “facilita o nosso estudo e nossa aprendizagem e também o ensino do professor, com os livros nós aprendemos cada vez mais”; e o aluno (C): “Aprendemos e conhecemos mais um pouco sobre o espaço geográfico e a vivência. Certamente que este último aluno comentou tendo por referência o livro didático de geografia utilizado pelo professor: *Geografia: espaço e vivência* (2010) de Levon Boligian e Andressa Alves.

Isso nos faz refletir a falta de autonomia e pensamento crítico dos alunos do 2º Aano “B” da Escola Estadual Augusto de Almeida.

Portanto, se o professor é dependente do livro didático, e norteia suas aulas de forma tradicional, isso implica que os alunos formados por este professor venham a ser um sujeito não pensante, que não dá um passo sozinho, pois se encontram ancorados no livro, o que torna as aulas sem muito sentido e atrativo para os alunos, pois os conteúdos são postos de maneira indiscriminada e sem levar em consideração suas experiências de vida. Como expõe Lajolo (1996, p.5), “é a partir do conhecimento que já tem do mundo em que vivem que os educandos poderão construir os conhecimentos nos quis os livros didáticos e as escolas devem iniciá-los”.

5 OBSERVAÇÃO DOCENTE

As observações da prática docente na disciplina Geografia ocorreram no período de maio a junho de 2012, nas turmas do 2ºano “A” e “B” manhã.

A Professora foi bem acolhedora com as estagiárias. Na prática observada, compreende-se que a professora segue as unidades do livro: *Geografia: espaço e vivência* (2010) de Levon Boligian e Andressa Alves.

No decorrer das 10 aulas observadas, foi possível apurar:

→ **Dia 30 de maio de 2012 no 2ºano “A” (3º e 4º horário)**



FOTOGRAFIA 02: Sala do 2º Ano "A".
Fonte: Foto da autora, 2012.

O Conteúdo trabalhado foi: **Sistemas agrícolas tradicionais e regiões produtoras do mundo**. Como recursos didáticos a professora utilizou: quadro negro, giz e livro didático. Quanto ao desenvolvimento das aulas, deu-se por leitura do conteúdo no livro e uma breve explanação do assunto pela professora e, logo seguida, por exercício do livro. A tendência metodológica usada pela docente é tradicionalista. Em sala estavam presentes 15 alunos, alguns não acompanhavam a leitura do conteúdo por participarem de conversas paralelas.

Obs.: Nessas 2 aulas a professora ocupou duas turmas ao mesmo tempo para suprir a falta de um professor, (adiantando).

→ **Dia 30 de maio de 2012 no 2ºano "B" (5º e 6º horário)**



FOTOGRAFIA 3: A aluna da SALA DO 2º ANO “B”, fazendo uma leitura.
Fonte: Foto da autora, 2012.

O conteúdo trabalhado foi: **Fome, mercado de produtos agrícolas e problemas ambientais no campo**. Os recursos didáticos utilizados pela professora foram: questionário de fixação da aprendizagem, quadro negro, giz e o livro didático. Referente ao desenvolvimento da aula ocorreu uma explicação de um questionário do livro. Estavam em sala 20 alunos, muitas conversas paralelas e falta de atenção por parte dos alunos no momento da atividade. O relacionamento professora – aluno estabelecido na sala aconteceu de maneira habitual, onde não há uma interação docente - discente.

Obs.: Cabe ressaltar que o questionário referente ao conteúdo fora realizado no momento da leitura pela professora e que ficou perceptível que a mesma não havia planejado a aula.

→ **Dia 06 de junho de 2012 no 2ºano “B”**

O conteúdo trabalhado foi: **A atividade industrial e a modernização do campo brasileiro**. Os recursos utilizados foram: aula expositiva, quadro negro, giz e o livro didático. No decorrer da aula tivemos a explicação do conteúdo pela professora, com acompanhamento da leitura pelos alunos, leitura esta realizada em

voz alta – houve a participação de duas alunas, um de cada vez. Estavam presentes nessa aula 24 alunos. A relação estabelecida na sala aconteceu de forma tranquila, à medida do possível, sem maiores perturbações. Quanto à metodologia adotada pela professora, confere características da tendência tradicionalista, com transferência do conteúdo, sem muitas inovações.

Obs.: O método de leitura em voz alta utilizado pela professora conseguiu prender atenção dos alunos, fazendo com que estes ficassem mais atentos.

→ **Dia 06 de junho de 2012 no 2ºano “A”**

O Conteúdo trabalhado foi: **A exaustão dos solos e a poluição ambiental.** Como recursos didáticos foram utilizados: aula expositiva, quadro negro, questionário, giz e o livro didático. A aula desenvolveu-se com explicações da professora sobre o conteúdo. Estavam presentes em sala de aula cerca 19 alunos, muitas conversas paralelas e falta de atenção por parte dos alunos. A relação estabelecida na sala aconteceu de forma sem diálogo, tendo apenas a exposição do conteúdo, a metodologia adotada pela professora confere características da tendência tradicionalista, onde só o professor é detentor do conhecimento.

Obs.: O questionário referente ao conteúdo fora realizado no momento da leitura da professora, em que formulava as questões ao mesmo tempo.

→ **Dia 13 de junho de 2012 no 2ºano “B”**

O Conteúdo trabalhado foi: **A industrialização muda as relações entre o campo e a cidade.** Como recursos didáticos foram utilizados: questionário do conteúdo, aula expositiva, quadro negro, giz e o livro didático. No decorrer da aula, houve explicações da professora sobre como efetuar o questionário, e divulgação das notas dos alunos ao mesmo tempo em que fora realizada a frequência dos alunos. Estavam presentes 19 alunos. A relação estabelecida na sala pela professora com os educandos acontece de forma habitual.

Obs.: O questionário aplicado na sala foi utilizado para repor as notas daqueles alunos que estavam com pendências.

6 A REGÊNCIA

As regências deram-se nos dias 5 e 12 de setembro, no 2º Ano “A”; 19 e 26 de setembro, no 2º Ano “B”. No total foram regidas 6 aulas, sendo quatro aulas no 2º Ano “A” e duas no 2º Ano “B”.

O tema trabalhado em ambas as salas foi a Região Nordeste Brasileira, por se tratar de um tema relevante, mas próximo da realidade dos alunos e, no caso do 2º Ano “B”, era o tema que o professor iria iniciar.

A metodologia utilizada nas regências foi a aula expositiva e participativa, sendo que, primeiramente se fazia uma reflexão para saber o conhecimento prévio dos alunos acerca do tema. Esse exercício de reflexão era feito por meio de perguntas – do tipo: o que é o Nordeste? O que vocês conhecem sobre a região nordestina? Quais diferenças entre a região Nordeste e outras regiões do país – direcionadas à sala, que tinha o objetivo de conhecer a visão deles sobre a região brasileira que eles vivem.



FOTO 4: MOMENTO DA REGÊNCIA DO 2º ANO “B”, discutindo o tema: Nordeste.

Fonte: Foto da autora, 2012.

Um caso que nos chamou a atenção foi a resposta de uma das alunas do 2º Ano “B” que, quando feita a pergunta “o que vocês sabem sobre o Nordeste?”, a mesma respondeu ser “um lugar com muita falta d’água, onde os gados morrem de sede”. Questionada onde ela teria visto essa informação ela respondeu que “é o que passa na televisão, e tem até no livro”. Isso nos levou a pensar, primeiramente, que aluno é esse que chega à escola em nossa atualidade? É um aluno que se encontra em uma confluência de diversas informações provindas de toda parte e de vários meios, colocando um grande desafio para a escola e o professor, assim como nos esclarece Antunes: “O rádio, a televisão, os vídeos, mas ainda muito mais expressivamente a Internet fez com que as informações ganhassem uma nova dimensão e incomensurável volume, alterando de forma substancial o papel da escola e a função do professor” (ANTUNES, 2005, p.11).

Em segundo lugar, a colocação da aluna nos fez contestar que tipo de material didático os alunos têm acesso, que faz gerar uma imagem tão simplista e distante dos alunos que, embora vivendo no Nordeste, não se enxergam como nordestino, ou melhor, como a representação de nordestino disseminado pela mídia e pelo material didático.

Diante disso, o nosso foco foi direcionado para tentar mudar essa imagem depreciativa que circula em diversas instancias informacionais. Para isso, decidimos observar criticamente o material didático que os alunos possuíam, o qual direcionava as aulas de Geografia no Ensino Médio da escola.

O livro didático utilizado pelo professor de Geografia da Escola Estadual Augusto de Almeida, como já dito antes, constitui: *Geografia: espaço e vivência* (2010) de Levon Boligian e Andressa Alves Boligian. A princípio, tinha-se adotado materiais didáticos diferentes da do professor, mas decidiu-se fazer uso também do material didático do professor para analisarmos criticamente o seu conteúdo e tentar distorcer a imagem de Nordeste e de nordestino nele representada.

O livro *Geografia: espaço e vivência*, editado pela Editora Saraiva, uma das mias conceituadas editoras do país, possui um acabamento incontestável. O livro vem bem ilustrado, o que facilita na compreensão do conteúdo. Mas, conforme observamos, ao abordar a Região Nordeste, o material apresenta alguns aspectos

que podem ceder uma concepção simplista e depreciativa da região e seus moradores.



Figura 01. Livro didático adotado pelo professor de Geografia da Escola Estadual Augusto de Almeida.

No capítulo 10, intitulado “Complexo regional do Nordeste”, traz o tópico “O Estado e a organização do espaço geográfico nordestino”, cujo primeiro tema abordado é questão da seca, que historicamente assola a região. Se foi o primeiro ponto a ser abordado, isso leva o leitor a pensar que seja este o assunto mais relevante. Não que não seja importante a tratar sobre a seca, mas dando ao tema primeira abordagem deixa implícita a ideia de que o fenômeno da seca constitui algo subjacente do Nordeste, algo indissociável, como se não ocorresse em nenhuma outra região do país.

O livro também traz uma visão homogênea do Nordeste, desprezando a extensão territorial e suas especificidades e diversidades, passando a imagem de um “Nordeste da seca e da fome”, como que isso fosse uma realidade em todos os lugares da região. Essa noção é reforçada no livro com a ilustração representativa

da obra de Cândido Portinari *Retirantes* (1944), em que representa uma família num ambiente seco e hostil, fugindo da seca.



Figura 02. Pintura de Portinari presente no livro *Geografia: espaço e vivência*. p.131.

A figura apresenta silhuetas de seres humanos magros, esmolambadas, e de faces pálidas; crianças magras e de barriga grande – aparência típica de desnutrição –, despidas, só pele e osso; os adultos carregando crianças nos braços, e ainda carregando as coisas da mudança na cabeça. Todos os estão descalças e com expressões tristes.

A seca é colocada como o principal motivo pela emigração, em que os nordestinos deixam sua terra para tentar a sorte em outra parte do Brasil, assim como se observa a seguir: “Muitos habitantes saíram do Nordeste, sobretudo entre as décadas de 1940 e 1980, em busca de melhores oportunidades de trabalho e melhores condições de vida em outras regiões do Brasil” (BOLIGIAN; BOLIGIAN, 2010, p.131).

O impacto dessas informações são muito fortes para quem tem esse material como meio de estudo/aprendizagem, inclusive para jovens que estão em constante formação de suas identidades (HALL, 2000), pois as informações absorvidas são as

de que a região Nordeste é inferior às demais regiões, que só em outras regiões a vida é melhor e menos sofrida.

A figura dos retirantes de Portinari não traduz, como um todo, a realidade de uma família nordestina, muito menos as famílias dos alunos da Escola Estadual Augusto de Almeida. Há, pois, um distanciamento entre a realidade vivida pelos alunos – que são nordestinos – com a realidade representada no livro didático.

No capítulo 11, intitulado “O Sertão e o potencial econômico do Nordeste”, propõe mostrar as atividades econômicas de destaque na região. No entanto, no segundo tópico “Secas: onde está o problema”, continua na mesma matriz de pensamento do capítulo anterior, sendo que agora chamando a atenção para os recursos financeiros cedidos pelo governo federal para a região amenizar os problemas das secas.

Nas aulas da regência nos dias 19 e 26 de setembro, minha intenção foi desmistificar a imagem do Nordeste como unicamente “região da seca”, e recuperar a importância da região no cenário nacional, abordando suas potencialidades industriais e a diversidade sociocultural.

No dia 19, a aula ministrada resumiu-se a identificação dos problemas acerca do ensino de Geografia desenvolvido na escola, o qual identificamos o livro didático usado pelo professor como um dos mais expoentes dos problemas identificados. A partir desse primeiro contato enquanto regente da aula de geografia, possibilitou-me planejar a segunda aula, que se realizou no dia 26. Portanto, o primeiro dia de aula nas duas turmas serviu como reflexão para se pensar o segundo dia de aula nas turmas.

No segundo dia de aula – dia 26 de setembro – foi dada uma aula dialogada com a utilização do data-show como recurso didático, pois a proposta foi trabalhar as imagens do nordeste. As imagens tratavam de um “outro Nordeste”, rico econômica e socioculturalmente, muito diferente da imagem passada pelo livro. A escolha pela exibição de imagens se justifica porque as imagens também ajudam a construir espaços regionais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009).

Nas aulas, nas duas turmas, foram exibidas imagens dos principais complexos industriais do Nordeste, a exemplo do Polo Petroquímico de Camaçari, no Estado da Bahia, que representa o maior complexo industrial integrado do Hemisfério Sul. Apresentamos a imagem de Campina Grande, na Paraíba, que possui um dos principais polos industriais de tecnologia do Nordeste.

Mostramos as riquezas naturais da região, destacando o petróleo que é extraído principalmente na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte; exibimos as lindas e maravilhosas praias do litoral nordestino; expomos imagens das quadrilhas juninas, dos pratos típicos; enfim, foram utilizadas imagens que dão uma visão privilegiada do nordeste, para que os alunos viessem a se identificar e a valorizar a região em que vivem.

Após a utilização das imagens, que foi seguida de exposição oral explicando-as e de um debate, foi passado um simples exercício de reflexão de tudo o que tinha sido visto nas aulas. A atividade foi uma redação sucinta de tudo o que foi visto nas aulas. Pelas redações dos alunos, percebemos que a concepção acerca da região Nordeste deu uma importante melhoria, inclusive houve alunos que relacionaram tudo o que foi trabalhado nas aulas ao lugar em que moravam, o que entendemos termos atingido as expectativas das aulas regidas.

De modo geral, o contato com as turmas foi de grande valia para minha formação, e perceber que minhas aulas surtiram contestações, indagações e diálogos entre os alunos, tudo isso se configura como atuação e experiência positiva do meu estágio supervisionado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geografia escolar brasileira vem convivendo com estímulos renovadores há pelo menos duas décadas, o que não é muito, mas que já é aceitável diante da realidade complexa e desigual nas esferas da sala de aula. O que se é necessário para evolução da Geografia escolar é a reflexão sobre as dificuldades referente a resistência de uma renovação da Geografia (OLIVA, 1999).

Mesmo com o andamento quase que a “paços de tartaruga”, é possível destacar objetividade em alguns elementos-chaves dessa renovação geográfica, Como por exemplo: a motivação das transformações sociais de nosso tempo, a localização do espaço geográfico no quadro social e o restabelecimento do dialogo rescindido com as outras disciplinas sociais.

O espaço geográfico, nessas circunstâncias, necessitará ser aprendido no interior da complexidade social e ter novas expressões para que, através desse processo, o desenvolvimento do ensino de Geografia possa acontecer e esse possa provocar maiores interesses nos educandos.

Para romper com a prática tradicional da sala de aula, não adianta apenas a vontade do professor. É preciso que haja concepções teórico-metodológicas capazes de permitir o reconhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade absoluta. É preciso trabalhar com a possibilidade de encontrar formas de compreender o mundo, produzindo um conhecimento que é legítimo. (CALLAI, 2005, p.231)

Nesse caminhar de busca para compreensão do real papel do ensino de geografia, e diante do necessário para o avanço do mesmo, ver-se o quanto é indispensável uma fixação de uma geografia crítica e renovadora, onde os discentes compreenderam melhor sua formação para a cidadania, dando assim devida importância a Geografia trabalhada nas escolas.

Em contato com a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto de Almeida, onde se teve uma observação direta e sob orientação da diretora da instituição, ficou bem explícito que o trabalho dessa escola, envolvendo todos os membros que a compõe. A escola tem um significado muito benéfico para os educandos e em especial para a população de Pirpirituba-PB e das cidades

circunvizinhas e que, apesar das dificuldades encontradas, vem tendo a missão educar para a vida, estando esta escola comprometida com a formação intelectual, cidadã, ética de seus discentes.

Quanto a prática do ensino Geográfico a escola não possui um quadro diferente do apresentado em outras pesquisas que mostram que a Geografia ainda é ministrada de forma pronta, sem dar oportunidade de o aluno pensar, e fragmentada, ou seja, o ensino meramente tradicional sem inovações didático-pedagógicas ou metódicas.

Com relação ao livro didático, percebemos o quanto ele pode ser prejudicial ao ensino/aprendizagem se ele não for trabalhado de forma crítica pelo professor. Isso ficou evidente quando, durante a regência, percebemos a visão distorcida e simplista que os alunos tinham acerca da região Nordeste, em que expuseram esta como sendo uma região atrasada, devastada pela seca e da fome, sem darem-se conta de que eles próprios são nordestinos.

Ao fazermos uso de imagens que contradiziam e ampliavam a visão do Nordeste, fez com que despertasse o interesse dos alunos em conhecer mais essa região em que fazem parte, uma vez que essa outra Geografia da região nordestina se mostrou nova para eles. Por outro lado, a exibição de imagens, assim também como a explicação delas e a dinâmica desencadeada, se configurou como uma metodologia nova, pois quebrava com a rotina das aulas tradicionais da Professora de Geografia.

Como relação ao Estágio Supervisionado, embora muitos o vejam como uma mera disciplina curricular do curso, ele se mostra como de fundamental importância para os alunos de qualquer curso de licenciatura, pois é por meio dele que se rompem as fronteiras entre o saber acadêmico e o saber escolar, entre a teoria e a prática. Ele proporciona ao licenciado o contato com a realidade da sala de aula, para que este possa testar seus conhecimentos adquiridos ao longo do curso. Após o estágio, o licenciando retorna à universidade para compartilhar com seus pares as suas experiências, seus anseios, suas contestações e suas dificuldades. Tudo isso leva a uma reflexão coletiva, para a busca de melhorias no ensino/aprendizagem e práticas pedagógicas mais eficazes.

Como o Estágio Supervisionado aprendi que, antes de iniciar a aula em qualquer turma, é preciso atentar para o grau de familiaridade que os alunos

possuem acerca do conteúdo a ser trabalhado e conhecer a realidade e as condições em que se deram o conhecimento seu conhecimento prévio; aprendi que o desinteresse ou distorção que os alunos têm de algumas temáticas, muitas vezes, ocorre por causa da forma que elas são abordadas em sala de aula.

Além disso, o Estágio Supervisionado se mostrou de fundamental importância, porque, além de fazer adquirir experiências pedagógicas e vencer alguns medos – como deve se comportar? Como os alunos vão recepcionar? Se a metodologia vai envolver os alunos? Se foi possível dar conta da responsabilidade de assumir uma sala de aula? – que existia antes da regência, e construir a identidade de professor (a) de geografia. Fez-se perceber que realmente era isso o almejado: ser um (a) profissional da educação, lecionando uma Geografia Crítica e emancipadora.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. 4ª ed. Recife: Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.
- ANDRADE, Manoel C. de. Geografia: Ciência da Sociedade. Uma introdução à análise do Pensamento Geográfico. São Paulo: Atlas. 1992.
- ANTUNES, Celso. Como transformar informação em conhecimento. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BOLIGIAN, Levon; BOLIGIAN, Andressa Turcatel Alves. Geografia: espaço e vivência. 2 vol. São Paulo: Saraiva, 2010.
- CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Card. CEDES, Campinas: vol.25, n.66, p.227-247, maio/ago, 2005.
- _____. *et al.* Geografia em Sala de Aula: práticas e reflexões. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jesusa. Ensino de Geografia. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia e práticas de Ensino. Goiânia: Alternativa, 2002.
- FARIAS, Ana Lúcia G. de. Ideologia no livro didático. 2 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1994.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.
- KIMURA, S. Geografia no ensino básico: questões e propostas. São Paulo: Contexto, 2008.
- LACOSTE, Yves. A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas, São Paulo: Papirus, 1988.
- LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. Em Aberto, Brasília, n. 69, v. 16, jan./mar. 1996.
- LIBÂNEO, José C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

MARTÍNEZ, Maria Elena. Cultura(s) e identidades nas propostas curriculares nacionais do Brasil e da Argentina nos anos 90. In: CANDAU, Vera Maria (org.). Sociedade, Educação e Cultura(a): Questões e propostas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MÉNDEZ, Mário Castillo. O Livro e a educação: aspectos políticos da produção do livro didático. In: BARBOSA, Raquel Lazatti Leite (org.). Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

OLIVA, J. T. Ensino de Geografia: um retrato necessário. In: CARLOS, A. F. A. (Org.) A geografia na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1999. p. 34-49.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. História e Geografia. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: A Secretaria, 2001.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. Um olhar sobre a trajetória escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual. Dissertação (Mestrado em Geografia). João Pessoa: UFPB/CCEN, 2007.

PICONEZ, Stela C. B. A prática de ensino e o estágio supervisionado. Campinas: Papyrus editora, 1991.

PRÉVE, Orlandiana S.D. A participação do Boletim Geográfico do IBGE na produção da metodologia do Ensino da Geografia. Dissertação (Mestrado) Campinas:UNICAMP. 1988.

PONTUSCHKA, Nùbia N. A. Geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, A. F. A. De (org).Novos caminhos de geografia. São Paulo: contexto, 2001.

ROCHA, Genylton Odilon R. A trajetória da disciplina Geografia no currículoEscolar Brasileiro (1837-1942). Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: PUC, 1996.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. A Geografia escolar brasileira nos fins do século XIX.: Revisitandoos pareceres de Ruy Barbosa,1882. In: Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico. I. Anais. Rio Claro:UNESP. 1999. p. 220-231.

SAIKI, Kim; GODOI Francisco Bueno de. A prática de ensino e o estágio supervisionado. In: Prática de ensino em geografia e estágio supervisionado/ Elza Yasuko Passini, Romão Passini, Sandra T. Malysz,(org). 2 ed. São Paulo: contexto, 2010, p. 26-31.

SILVA, Janaina da Conceição Martins. Formação continuada dos professores: visando a própria experiência para uma nova perspectiva. Revista Iberoamericana de Educação, n. 55, v. 3, p.1-11, 2011.

SOUZA NETO, Manuel Fernandes de. Aula de geografia e algumas crônicas. 2 ed. Campina Grande: bagagem, 2008.

TONINI, Ivaine Maria. Livro didático: textualidade em redes? In: TONINI, Ivaine Maria; *et. al.* O ensino de geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre: Ufrgs, 2011. p. 145-167.

VESENTINI, José Willian. Educação e ensino da Geografia: Instrumentos de dominação e/ou libertação. In: A Geografia na sala de aula. CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.) 8. ed. 5^o reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010, p.14-33.

VLACH, Vânia. A propósito do ensino de geografia: em questão, o nacionalismopatriótico. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FFLCH, Universidade de SãoPaulo, 1988.

APÊNDICE

FOTOS DA ESCOLA:



FOTO 1: FRENTE DA ESCOLA
FONTE: SILVA, Edmara Bronzeado. 2012



FOTO 2: ENTRADA DA ESCOLA
FONTE: SILVA, Edmara Bronzeado. 2012



FOTO 3:**GINÁSIO ESPORTIVO**
FONTE: SILVA, Edmara Bronzeado. 2011



FOTO 4:**CANTINA**
FONTE: SILVA, Edmara Bronzeado. 2012



FOTO 5: **INTERIOR DO BANHEIRO FEMININO**
FONTE: SILVA, Edmara Bronzeado. 2012



FOTO 5: **SALA DOS PROFESSORES**
FONTE: SILVA, Edmara Bronzeado. 2012



CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

LEVANTAMENTO DO ESPAÇO ESCOLAR				
ESCOLA: _____				
ENDEREÇO: _____				
BAIRRO: _____ MUNICÍPIO: _____				
DIRETOR (A) DA ESCOLA: _____				
Nº DE ALUNOS MATRICULADOS: MANHÃ ___ TARDE ___ NOITE ___ TOTAL ___				
NÚMERO DE PROFESSORES POR DISCIPLINA E TITULAÇÃO				
DISCIPLINA	Nº DE PROFESSORES	GRADUADOS	ESPECIALISTAS	MESTRES
ARTE				
BIOLOGIA				
CIÊNCIAS				
EDUCAÇÃO FÍSICA				
FILOSOFIA				
FÍSICA				
FORMAÇÃO P/ VIDA				

GEOGRAFIA				
HISTÓRIA				
INGLÊS				
MATEMÁTICA				
PORTUGUÊS				
QUÍMICA				
SOCIOLOGIA				
TOTAL				

LEVANTAMENTO DO NÚMERO DE FUNCIONARIOS DE ESCOLA DE ACORDO COM O CARGO OCUPADO	CARGO	QUANTIDADE
	DIRETOR (A)	
	VICE-DIRETOR (A)	
	SECRETÁRIOS (A)	
	COORDENADORES (AS) PEDAGÓGICOS	
	SUPERVISORES (AS)	
	PSICÓLOGO	
	ASSISTENTE SOCIAL	
	AGENTES ADMINISTRATIVOS	
	AUXILIAR DE SERVIÇOS GERAIS	
	MERENDEIRAS	

	PORTEIROS	
	VIGIAS	
	ARQUIVISTAS	
	BIBLIOTECARIOS	

INFORMAÇÕES	QUANTIDADE
BANHEIRO	
BEBEDOURO	
BIBLIOTECA	
CAIXA D'ÁGUA	
COZINHA	
ESTACIONAMENTO	
LABORATÓRIO	
JARDIM	
QUADRA DE ESPORTE	
SALA DE AULA	
SALA DE VÍDEO	
SALA DOS PROFESSORES	
SECRETÁRIA	

OBS.: As informações obtidas foram concedidas pela vice diretora: Gilvanea dos Santos Silva .

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA

QUESTIONÁRIO DOCENTE

Nome do Professor(A)	Idade:
Curso de Formação:	Tempo que leciona na Escola:

1- Qual ou quais seus métodos de ensino nas aulas de Geografia?

2- Qual ou quais os tipo(s) de material didático costuma usar em suas aulas?

3- Qual(is) dificuldade(s) você apontaria que, de certa forma, prejudica(m) o ensino/aprendizagem de Geografia em sala de aula?

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA

Nome do Aluno(A):	Idade:
Localidade:	

QUESTIONÁRIO DISCENTE

1- Qual sua visão sobre o livro didático?

2- Em sua concepção qual a função do livro didático?

3- Ao utilizar o livro didático, quais benefícios e dificuldades você encontra?

4- Referente ao conteúdo, quais sugestões você tem para o livro didático?
